

PRÊT-À-PORTER

PROPOSTA DE REDAÇÃO



Nesta proposta, convidamos você a refletir sobre o verdadeiro custo do insaciável apetite mundial por roupas muito baratas e descartáveis e a pensar sobre novas formas mais sustentáveis e socialmente justas de produção.

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na norma-padrão da língua portuguesa sobre o tema **O emprego de mão de obra escrava no mundo da moda**. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO 1

O trabalho escravo na moda

Submetidas a jornadas de trabalho de até 20 horas por dia em pequenas confecções, é essa mão de obra que alimenta grandes redes de varejo das quais somos clientes. Conversamos com duas mulheres que viveram esse drama para entender por que o custo da nossa roupa pode ser muito mais alto do que o preço gravado na etiqueta

Ambientes pequenos, quentes, sujos, cheios de pilhas inflamáveis de tecido. Crianças sobre as máquinas de costura. Uma imensa nuvem de pó. Trabalhadores costurando das seis da manhã até as duas da madrugada para receber como pagamento um prato de comida. Rotweillers no quintal para impedir tentativas de fuga. A cena que você acabou de visualizar não acontece em uma fábrica de roupas chinesa. É uma realidade comum nas oficinas de costura situadas na Zona Norte e no Centro da cidade de São Paulo, onde é produzida boa parte das roupas vendidas em grandes magazines, lojas de rua e até em shoppings centers do país.

Estima-se que existam 100 mil bolivianos trabalhando em condições análogas à escravidão em 8 mil pequenas confecções na capital paulistana. “É uma mão de obra que chega ao Brasil devendo o custo da viagem aos seus patrões. A dívida gera uma relação de servidão que pode se arrastar por meses e até anos”, diz Renato Bignami, auditor-fiscal do Ministério do Trabalho. A quitação desse valor equivale à alforria.

A rota do tráfico

O trabalho escravo em oficinas de costura brasileiras está ligado ao tráfico de pessoas. Para fugir da miséria, os bolivianos procuram os coiotes – responsáveis por levar pessoas de forma ilegal de um país para o outro – para migrar. Esses coiotes se apresentam como “agências de emprego” e transportam os trabalhadores para a Argentina e o Brasil. Prometem empregos em confecções, com salários em torno de US\$ 500 (cerca de R\$ 890). Lorena*, 20 anos, deixou a mãe e os seis irmãos em Santa Cruz de La Sierra para tentar ganhar em São Paulo um salário maior do que os 600 soles bolivianos (o equivalente a R\$ 150) que recebia como vendedora em uma loja de roupas. Depois de ouvir relatos entusiasmados de conterrâneos que afirmavam ganhar bem no Brasil, procurou uma “agência” que dizia cobrar o equivalente a R\$ 180 pela viagem.

Em março de 2009, tomou um ônibus clandestino na periferia de Santa Cruz rumo a São Paulo. Sem que ela soubesse o motivo, o ônibus parou em Ciudad del Este, no Paraguai. O coiote disse que não poderiam prosseguir – mais tarde ela foi saber que a fiscalização na fronteira daquele país com o Brasil estava acirrada. Durante a noite, a mando do coiote, ela e os outros passageiros desembarcaram em um lugar desconhecido, que parecia ser uma garagem de ônibus. Nos fundos do terreno, tinha uma pequena casa, onde os viajantes ficaram hospedados. Havia grávidas e idosos entre os passageiros.

“Tinha outros bolivianos esperando para seguir viagem. Éramos umas 90 pessoas em uma casa com cinco camas e um banheiro. Uma senhora nos trazia comida uma vez por dia. O senhor que organizava a viagem nos disse que ficaríamos ali até que pudéssemos prosseguir e não deu mais explicações. Ficamos com medo, dúvidas, mas ele era tão bravo que ninguém teve coragem de perguntar nada. Fiquei assustada, mas tive medo de chorar. Depois de dias naquela situação, uma senhora ficou desidratada. Fomos reclamar. O senhor disse que deveríamos pagar a viagem para ir embora – não tínhamos dinheiro. Caso contrário, ele nos entregaria para a polícia – estávamos sem documentos. A casa era vigiada por um cachorro grande, que nos impedia de fugir. Um homem começou a cavar um túnel no chão com um pedaço de ferro. Depois de duas semanas, um ônibus nos pegou e seguimos viagem sem mais explicações.” Aqui, ela encontrou trabalho em uma oficina que produz roupas para lojas de rua do Centro de São Paulo e para uma grande multinacional.

[...]

Maria Laura Neves. *Marie Claire*. 24 out. 2017. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2017/10/o-trabalho-escravo-na-moda.html>>.

TEXTO 2

[...]

“Desde a década de 1990, quando a Nike foi acusada de utilizar trabalho infantil em fábricas na Ásia, a falta de ética no processo de fabricação de mercadorias por grandes empresas é discutida pela sociedade. O problema é que o questionamento costuma resistir apenas até a primeira promoção imperdível no shopping.

“A roupa não fala, mas ela transmite uma informação: ao vestir determinada peça, você pode ser reconhecido como uma pessoa bem informada ou que tem dinheiro para comprar, por exemplo”, afirma João Braga, professor de História da Moda da Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo. “Como um fenômeno capitalista e ocidental, o desenvolvimento da moda também surge com o conceito de prestígio e ascensão social.”

[...]

Thiago Tanji. “Escravos da moda: os bastidores nada bonitos da indústria fashion”. Revista Galileu. 23 jun. 2016. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/06/escravos-da-moda-os-bastidores-nada-bonitos-da-industria-fashion.html>>.

TEXTO 3



Revista Galileu. 23 jun. 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/06/escravos-da-moda-os-bastidores-nada-bonitos-da-industria-fashion.html>>.

VÍDEO



Você costuma adorar quando encontra uma peça de roupa muito barata? O documentário *The True Cost* expõe, de forma contundente, as condições vexatórias e desumanas em que essas roupas são produzidas por trabalhadores na China, Bangladesh e Índia. Confira o trailer, acessando o link a seguir: <www.youtube.com/watch?v=DjncKUmP0Zk&feature=youtu.be>.

Todos os links foram acessados em 20 abr. 2018.

ORIENTAÇÕES PARA O ALUNO

A partir do conteúdo dos textos apresentados e com base em seus conhecimentos e reflexões, escreva uma redação dissertativa sobre o tema **O emprego de mão de obra escrava no mundo da moda**. Seu texto deverá estar de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, apresentar um título e respeitar o limite máximo de 30 linhas. Lembre-se de que, ao utilizar palavras de baixo calão, ferir qualquer princípio dos direitos humanos ou realizar cópia do(s) texto(s) motivador(es), sua redação será desqualificada.

Bom trabalho!
Professora Fernanda Baccaro

Orientações para o professor

Inicie esta proposta analisando seu título: **Prêt-à-porter**. A expressão significa “pronto a vestir” e foi criada pelo estilista francês J. C. Weil, no final de 1949, após o término da Segunda Guerra Mundial. Em tempos de pós-guerra, no auge da democratização da moda, surgiu o **prêt-à-porter**, que revolucionou a produção industrial quando passou a oferecer roupas em escala industrial: de melhor qualidade, em uma grande variedade de estilos e com preços mais acessíveis. A seguir, discuta a polêmica do emprego da mão de obra escrava neste universo, que foi notícia na mídia. Antes de solicitar a produção textual, uma sugestão é assistir com os alunos ao documentário *The true cost*, produção da Netflix, que aborda o assunto de forma contundente.